

O LEITOR COMO AGENTE TRANSFORMADOR: UMA ANÁLISE QUALI-QUANTITATIVA DO DESENVOLVIMENTO INTERACIONAL DE ALUNOS AUTISTAS DO ENSINO SUPERIOR A PARTIR DO REFLEXO DA FRUIÇÃO LITERÁRIA.

Juliane Borges Martins¹
Vinicius Silva de Oliveira²
Carlos Sérgio de Brito Moreira Júnior³
Izadora Giovanna Monteiro de Souza⁴

INTRODUÇÃO

Este estudo parte dos pressupostos dos teóricos Del Prette e Del Prette (2001) e Antonio Cândido (1988), a respeito do leitor, e através do entendimento da leitura como ato de interação, em que o leitor não é apenas receptor, mas dialoga e reflete com a obra como um agente transformador, cuja transformação ocorre primeiro em suas percepções através desses contatos com diversos gêneros literários. Sendo assim, este trabalho busca investigar, a partir de um questionário semiestruturado que visa testar a percepção de habilidades de interação dos interlocutores, a possível relação entre a fruição literária e variação de diversos gêneros literários com o desenvolvimento de habilidades sociais em alunos autistas da Universidade Federal do Pará. Investiga-se a hipótese de que a leitura, através da construção narrativa de diversas interações, possa ajudar pessoas com autismo a melhor avaliar, entender e participar de situações sociais.

METODOLOGIA

Para esta investigação, foram realizadas três etapas, referindo-se a primeira à coleta de dados, para isto realizou-se a escolha do referencial teórico que permitiu o desenvolvimento do "Formulário Psico Literário", tendo sido aplicado através do *Forms*, formulário do Google, em Escala Linkert. A segunda etapa consistiu no tratamento dos dados coletados, com a criação no *Excel* do banco de dados obtidos conforme o questionário, que resultou nos gráficos de pizza e

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal - UF, julienemartinsb@gmail.com ;

² Mestrando do Curso De Engenharia Civil Universidade Federal - UF, vinicius.silva.oliveira@itec.ufpa.br

³ Doutorando do Curso de Antropologia da Universidade Federal - UF, carlossergioa7@gmail.com ;

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal - UF, lzadorampsi@gmail.com ;

correlação de Spearman para verificar o grau de relação entre as variáveis elencadas por cada pergunta. Desta forma construiu-se a terceira e última etapa desta pesquisa, qual seja, a análise dos resultados, através do exame quali-quantitativo das variáveis por meio de comparações realizadas em reuniões online que culminaram nas conclusões.

As perguntas realizadas através do “Formulário Psico Literário” foram:

- N1 – Com que frequência você se sente emocionalmente envolvido com os personagens de contos literários.
- N2 – Com que frequência você conversa com outras pessoas sobre o livro que leu
- N3 – com que frequência você lê gêneros literários variados
- N4 – com que frequência você lê livros fora das suas obrigações escolares.
- I1 – Consigo manter conversa com meus colegas de curso e em outros locais que frequento.
- I2 – Eu consigo conversar com outras pessoas quando quero falar com elas.
- I3 – Eu me sinto à vontade quando tenho que conversar ou interagir com outras pessoas.
- I4 – Consigo perceber quando outra pessoa está triste, brava ou feliz.

REFERENCIAL TEÓRICO

As habilidades sociais, segundo a síntese apresentada por Silva Filho (2003), a partir da obra de Del Prette e Del Prette (2001), correspondem a repertórios comportamentais que possibilitam ao indivíduo interagir adequadamente em diferentes contextos interpessoais. Os autores enfatizam que tais habilidades não são inatas, mas aprendidas ao longo do desenvolvimento, influenciadas tanto por predisposições biológicas quanto por experiências de aprendizagem social. Além disso, ressaltam que déficits nesse repertório podem impactar negativamente a qualidade de vida e as relações sociais, exigindo intervenções preventivas e educativas voltadas à promoção da competência social.

As habilidades sociais constituem um dos principais campos de estudo da psicologia voltados à compreensão e promoção das interações humanas. Conforme a análise de Silva Filho (2003) sobre a obra Psicologia das Habilidades Sociais: terapia e educação, de Del Prette e Del Prette, essas habilidades são entendidas como repertórios comportamentais aprendidos, socialmente valorizados e essenciais para o convívio interpessoal. Elas envolvem dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais que se manifestam nas interações cotidianas e influenciam diretamente a qualidade das relações sociais.

Silva Filho (2003) ressalta que, na perspectiva dos Del Prette, as habilidades sociais não devem ser confundidas com traços de personalidade, pois são comportamentos que podem ser ensinados, aprendidos e aprimorados de modo substancial ao longo do desenvolvimento. Dessa

forma, o desenvolvimento social é resultado, principalmente, de processos de aprendizagem mediados por experiências sociais e culturais. A partir dessa compreensão, as dificuldades nas interações interpessoais não são necessariamente patológicas, podendo representar déficits específicos de repertório social que demandam estratégias preventivas e educativas.

Além disso, em suas obras, os autores propõem a organização das habilidades sociais em classes e subclasses de comportamentos, como dificuldades internalizantes e externalizantes, todas relacionadas ao ajustamento social e à saúde mental (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009). Déficits nesses repertórios podem resultar em isolamento, dificuldades relacionais e sofrimento psíquico, especialmente em ambientes que exigem contato interpessoal constante, como o meio acadêmico.

Dessa forma, as habilidades sociais assumem papel central para a inclusão e a adaptação social para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). As dificuldades características de reciprocidade e comunicação social podem limitar o reconhecimento de normas implícitas de convivência, demandando intervenções educativas que estimulem o desenvolvimento dessas competências. Nesse sentido, compreender como jovens autistas percebem suas habilidades sociais auxilia na identificação de recursos e desafios no repertório de interação, contribuindo para o fortalecimento de sua autonomia e integração.

O teórico brasileiro Antonio Cândido, um dos principais nomes da teoria literária brasileira, apresenta em seu ensaio *O Direito à Literatura*, a seguinte comparação: “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (1988, p. 177). O teórico atribui à ideia de literatura uma ampla gama de possibilidades, entre as quais estão criações que abranjam algum “toque poético, ficcional ou dramático” (1988, p. 176).

Cândido refere-se ainda à literatura como fator indispensável de humanização, podendo ter “importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar” (1988, p. 177). Desta forma, o autor justifica o uso da literatura como instrumento educativo, funcionando individualmente como equipamento intelectual e afetivo. Elencando as faces da literatura, Cândido apresenta três formas de literatura, sendo estas a “construção de objetos autônomos como estrutura e significado”, “forma de expressão”, e “forma de conhecimento”, e argumenta que geralmente pensamos nesta última como a principal, todavia, segundo o teórico, este pensamento é errôneo, pois a literatura afeta-nos simultaneamente por meio de suas três faces.

As três características apresentadas acima são importantes para o desenvolvimento dos indivíduos tanto em relação à construção de seus interesses pessoais e individuais, quanto em

relação à sua interação social, pois permite a criação, a expressão e a construção de conhecimentos diversos, sem as quais seria difícil conceber interação social.

Desse modo, o estudo dialoga com a fruição literária como possível mediadora da ampliação de repertórios sociais. A leitura de obras literárias oferece um espaço simbólico de contato com emoções, valores e perspectivas diversas, promovendo empatia e reflexão. Assim, compreender a autopercepção das habilidades sociais em estudantes autistas à luz do contato com a literatura contribui para ampliar a discussão sobre educação inclusiva, subjetividade e interação social no ensino superior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de correlação de Spearman revelou coesão interna substancial em ambas as dimensões investigadas. As variáveis literárias (N1-N4) apresentaram correlações positivas moderadas a fortes entre si, destacando-se a associação entre diversidade de gêneros e leitura extracurricular ($\rho = 0,666$), seguida pelas relações entre envolvimento emocional e diversidade literária ($\rho = 0,614$) e entre envolvimento emocional e conversas sobre livros ($\rho = 0,577$). As demais correlações intradimensionais variaram de 0,433 a 0,517, confirmando consistência interna adequada. Similarmente, as variáveis de interação social (I1-I4) demonstraram correlações moderadas entre si, com destaque para a associação entre capacidade conversacional e conforto social ($\rho = 0,646$), além das relações entre manter conversas e percepção emocional ($\rho = 0,539$) e entre conforto social e percepção emocional ($\rho = 0,452$), evidenciando coerência estrutural do construto social.

As correlações cruzadas entre as dimensões literária e social foram consistentemente fracas ou inexistentes, variando de -0,241 a 0,360, com a maioria dos coeficientes abaixo de 0,200. Particularmente notáveis foram as correlações praticamente nulas entre conversar sobre livros e iniciar conversas ($\rho = 0,000$), entre envolvimento emocional literário e iniciativa conversacional ($\rho = 0,012$), e entre diversidade literária e conforto social ($\rho = 0,050$). Estes resultados demonstram independência conceitual e empírica entre os construtos, indicando que hábitos de leitura e engajamento literário não influenciam sistematicamente as competências de interação social, e vice-versa. Tal autonomia sugere que essas dimensões representam domínios distintos do comportamento humano, cada qual com dinâmicas próprias, sem sobreposição significativa ou interdependência mensurável no contexto investigado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, esta pesquisa não encontrou correlação significativa entre o hábito de leitura dos entrevistados e a percepção de suas habilidades sociais. Entretanto, Cândido (1988) apresenta argumentos plenamente favoráveis à positividade desta correlação. Portanto, dadas as limitações amostrais da pesquisa, entende-se a necessidade de investigações mais aprofundadas e com maior amostragem para maior confiabilidade dos resultados.

Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo.

Palavras-chave: Leitor; Literatura, TEA.

REFERÊNCIAS.

AYRES, M. **Elementos de Bioestatística: a seiva do açazeiro**. 2º. ed. [s.l.] Gráfica Superiores, 2012.

CÂNDIDO, A. **Vários Escritos**. 5º. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

SILVA FILHO, J. H. DA. **Psicologia das habilidades sociais**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 14, n. 28, p. 233–234, maio de 2004.

Del Prette, Z.A.P. & Del Prette, A. (2009). **Avaliação de habilidades sociais: bases conceituais, instrumentos e procedimentos**. In A. Del Prette & Z.A.P. Del Prette (Orgs.), *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações* (pp. 187-229). Petrópolis: Vozes.

CAMPOS, Josiane Rosa. **Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette): manual de aplicação, apuração e interpretação**. *Estud. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 532-536, ago. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812011000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 set. 2025.